

## BEM VIVER E EPISTEMOLOGIAS: A COSMOPOLÍTICA INDÍGENA NO CONTEXTO DA VIRADA ONTOLÓGICA

Éder Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho situa-se no debate sobre a virada ontológica, protagonizada por especialistas indígenas, que compreendem o contexto de crise epistemológica e climática proveniente do modelo de sociedade hegemônico que metaboliza a floresta em mercadoria. Tal modelo desconsidera as consequências ambientais desse processo, pois suas raízes são tributárias de uma cosmologia colonial, extrativista e predatória. A virada ontológica aprofunda o debate sobre as noções de natureza (s) e humanidade (s) – no plural e permite a observação da realidade biopsicossociocultural e biointegrada da espécie humana com outras humanidades e com seu território, fenômenos vinculados ao Bem Viver indígena. O trabalho<sup>2</sup> lança mão do método *ontológico xamânico indígena* e da *fenomenologia ontológica merleau-pontyana*. Pelas regularidades encontradas na literatura e nas narrativas de lideranças e artistas indígenas contemporâneos, é possível perceber que a perspectiva indígena pode contribuir com as noções de humanidade e de territorialidades, oferecendo outras visões de mundo alinhadas à inteligência da floresta. Desta forma, os indígenas considerados neste trabalho demonstram a crítica filosófica reversa ao modelo capitalista a partir de suas ontologias e epistemologias.

**Palavras-chave:** Bem Viver. Cosmopolítica. Virada ontológica. Xamanismo. Indígenas.

### GOOD LIVING AND EPISTEMOLOGIES: INDIGENOUS COSMOPOLITICS IN THE CONTEXT OF THE ONTOLOGICAL TURN

### ABSTRACT

This work is situated within the debate on the ontological turn, led by Indigenous specialists, who understand the context of epistemological and climatic crisis stemming from the hegemonic societal model that metabolizes the forest as a commodity. This model disregards the environmental consequences of this process, as its roots are indebted to a colonial, extractive, and predatory cosmology. The ontological turn deepens the debate on the notions of nature(s) and humanity(ies) – in the plural – and allows for the observation of the biopsychosociocultural and biointegrated reality of the human species with other humanities and with its territory, phenomena linked to Indigenous Good Living. This work employs the indigenous shamanic ontological method and Merleau-Ponty's ontological phenomenology. Through the regularities found in the literature and narratives of contemporary indigenous leaders and artists, it is possible to perceive that the indigenous perspective can contribute to notions of humanity and territoriality, offering other worldviews aligned with the intelligence of the forest. In this way, the indigenous people considered in this work demonstrate a reverse philosophical critique of the capitalist model based on their ontologies and epistemologies.

**Keywords:** Well Living. Cosmopolitics. Ontological Turn. Shamanism. Indigenous Peoples.

**Data de submissão:** 31.10.2025

**Data de aprovação:** 15.11.2025

## INTRODUÇÃO

Os trabalhos literários indígenas analisados, assim como as falas de lideranças indígenas trazem reflexões sobre as conexões do ser humano com a natureza, construindo uma perspectiva geográfica e filosófica, a partir da cultura destes povos e do Bem Viver milenar, fenômeno percebido em estudos recentes sobre povos indígenas (ACOSTA, 2016, Krenak, 2020c). Observa-se nos textos selecionados que há uma preocupação das narrativas *cosmogônicas telúricas* com o aspecto do domínio material do território ancestral.

Por exemplo, a visão xamânica Yanomami, descrita da obra *a Queda do Céu* (2015), permite a compreensão da percepção rigorosa da floresta para além dos aspectos da paisagem, onde habitam os seres que são os verdadeiros donos das espacialidades. Os seres visíveis e invisíveis

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (PPGG/UNIR), Mestre em Geografia pelo PPGE/UFRR. Bacharel Sociologia e em Jornalismo (UFRR). É membro associado ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR). E-mail: ederaudiovisual@hotmail.com

<sup>2</sup> O texto é parte da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), na área de concentração: Ambiente e Território na Pan-Amazônia, na linha de pesquisa: Território e Sociedade na Pan-Amazônia.

transitam nesta floresta, fenômeno compreendido pelos xamãs que são os interlocutores destas dimensões. Para os indígenas estudados, os lugares, elementos da fauna e flora, rios, montanhas, rochas, barro, etc., têm importância ontológica, pois são espaços vividos e experienciados (KAMBEBA, 2012; BARRETO 2013; 2021). A vida, a morte, o espaço e o tempo estão presentes na cultura relacional indígena, para além dos limites terrestres, portanto, tal espacialidade vivida tem o status de concretude, promotora de equilíbrio e do Bem Viver.

Na visão de mundo dos Yanomami, por meio da percepção de estados especiais da realidade não-comum, os *Xapiri* que são os seres *extra-humanos* dialogam com os *sobre-humanos* que são os xamãs, humanos em estado alterados de consciência<sup>3</sup>. Estes, uma vez habilitados por um longo processo de treinamento e renúncias físicas e corporais, são convidados a *uma dança cósmica* sobre espelhos com os *Xapiri*. São os *Xapiri*, portanto, que colocam a vida Yanomami em movimento. É de lá que vem a ciência para a cura dos corpos – ou – do *corpo-território*, pois ambos são *um*, de acordo com sua cosmologia. Portanto, na proposta indígena xamânica, o visível e o invisível (MERLEAU-PONTY, 2003) estão em constante diálogo e movimento, na percepção dos fenômenos enquanto *acontecimentos*.

Neste encontro há uma comunicação decisiva. Os *Xapiri*, seres que guiam os indígenas em suas jornadas, permitem compreender o processo relacional e dialógico com a floresta. Os não-humanos e o povo Yanomami, cuidam da saúde da *Urihi a*<sup>4</sup>. É uma visão *extramoderna*, configurada por meio desta vivência cósmica, ancestral e, ao mesmo tempo, temporal dos líderes xamãs. Temporal porque seu aprofundamento visual se dá em um processo ritual, no *acontecimento*. A *Urihi* é a carne e a pele da terra formada a partir da primeira queda do antigo céu, a *Hutukara*, que despencou em tempos ancestrais e que se tornou o território físico para os Yanomami<sup>5</sup>. Já os *extra-humanos*, os demiurgos, estão presentes no mundo, porém, são acessados e vistos pelos sobre-humanos, os xamãs por meio das cerimônias. Os *Xapiri* habitam no peito do céu em *casas distribuídas e classificadas por espíritos* que representam animais e fenômenos da natureza.

A compreensão epistêmica do olhar do xamã Yanomami na cultura indígena é o elemento *temporal* em constante *dever ontológico*, que tem na *cosmopolítica* com os seres visíveis e invisíveis, suas elaborações de mundo, do habitar enquanto reflexo da relação com a natureza e de variação de humanidade (s). A ideia ocidental de que existe apenas um *modelo de humanidade* dá lugar, no caso indígena, ao *ser em dever-outro*, no qual a humanidade na cosmovisão Yanomami, é integrante da *terra-floresta*, a *Urihi a*, percebida na vitalidade e resiliência da floresta e dos seres possíveis, pois, estas corporalidades convivem em relação dialógica com o espaço material, fenômeno gerador da perspectiva do *Bem Viver* (SANTOS, 2025).

## 1. CONEXÕES: FILOSOFIAS INDÍGENAS E CAMINHOS PARA O BEM VIVER

No Brasil, o debate sobre os sistemas de conhecimentos indígenas avança na medida em que o pensamento das lideranças indígenas é reconhecido e valorizado. Tal proposta vem promovendo a imagem positiva da visão de mundo originária no Brasil. Suas filosofias são *reversas* na medida em que fazem um movimento contrário ao que foi imposto pelo conhecimento colonial, propondo seus próprios modelos sociais, ambientais e as noções sobre a vida e a espacialidade. Ao tratar de um fenômeno social é importante situar o momento histórico em que se deu esse processo.

Na segunda metade do século XX, percebe-se a atuação das lideranças indígenas na ocupação de espaços públicos e midiáticos com suas manifestações a favor dos direitos territoriais e do clima. Do ponto de vista jurídico, o movimento de luta no Brasil não inicia com a Constituição de 1988, mas há uma guinada com a garantia dos direitos explicitados nos artigos da Constituinte daquele ano. A garantia dos direitos territoriais e da autodeterminação afeta o campo social, político, artístico e jurídico, criando um ambiente favorável ao surgimento da crítica indígena à economia política moderna.

Em 1989, com a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais, (que substituiu a Convenção 107, a qual já estabelecia proteções fundamentais para os povos indígenas), novos direitos são aclamados mundialmente aos povos originários e assim surgem “novos tempos, em que a diferença suscita respeito e interesse” (CUNHA, CESARINO, 2016, p.12). Com as crises ambientais sucessivas, o olhar dos governos no mundo direciona-se para o cuidado com a saúde climática do planeta<sup>6</sup>, fato que projeta a visão

<sup>3</sup> O ritual se dá ao consumir a *yãkoana*, enteógeno que é retirado da resina de árvores *Virola sp.*, que é cristalizada e pulverizada “O poder da *yãkoana* é forte e dura muito tempo. Existem várias *yãkoana*. Dentre elas, é o pó da *yãkoana haare* o mais poderoso”. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 136)

<sup>4</sup> Os Yanomami têm o conceito de *Urihi a*, a terra-floresta, que é central na manutenção da vida.

<sup>5</sup> KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 357.

<sup>6</sup> A primeira Conferência Mundial do Clima foi realizada em 1979, em Genebra Suíça.

de mundo dos indígenas brasileiros, até então reclusa timidamente e estereotipadas nos livros didáticos.

O Bem Viver é uma proposta conceitual de alguns povos indígenas andino-amazônicos que tem sua ontogênese na relação do ser humano com a Natureza e com os seres da Natureza. É uma filosofia destes povos que deriva da tradução do quéchua *Sumak Kawsay*, do aymara *Suma Qamaña*, e do guarani *Teko Porã* ou *Nhadereko*, uma forma de viver comunal, harmônica e autossustentável (REIS, 2024); (ACOSTA, 2016). Ou seja, é pela ontologia que propomos estudar as conexões e biointerações do ser indígena e do ambiente.

Sobre o método qualitativo, vale ressaltar que as contribuições da *fenomenologia* em Merleau-Ponty, na obra *Visível e Invisível* (2003), são importantes, pois considera a compreensão das coisas e do mundo não apenas pelos sentidos como preceituava seus primeiros trabalhos sobre a percepção (MERLEAU-PONTY, 1999), mas aproxima-se da ontologia, ou seja, por meio do que ele denomina de *fé perceptiva*. “(...) A convicção que ela nos incute de atingirmos o que é por um sobrevoos absoluto nós a aplicamos ao homem como às coisas, e é por essa via que chegamos a pensar o *invisível* do homem como uma *coisa*”. (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 30).

A ciência milenar indígena não é percebida na vulgata eurocolonizada, pois esta proposta hegemônica normativa afirma-se pela *taxonomia da subordinação* que, possivelmente, considerou por séculos, indignas ou inexistentes tais epistemologias emergentes. Esse pensamento eurogeográfico opressor, reproduz-se e consolida-se, muitas vezes, acriticamente pelo código de comunicação de primeiro grau, que é a escrita da academia moderna, espaço de sujeitos privilegiados de enunciação. Porém, percebe-se um movimento de virada, um *giro decolonial* (HAESBAERT, 2021), pois estas epistemes provenientes das populações indígenas<sup>7</sup> deixam de afirmar o pensamento euronormativo em suas literaturas hodiernas, enfrentando a *história única* das *grandes narrativas* sobre a terra, sugerindo o *ethos* indígena no cuidado da casa-comum.

As expressões ‘*virada ontológica*’<sup>8</sup>, ‘*giro decolonial*’ ou ‘*giro biocêntrico*’ são fenômenos importantes para o estudo das epistemes dos povos indígenas uma vez que *giro biocêntrico* é tributário à virada ontológica que, por sua vez, contribui para o *giro decolonial*, este último com característica de escala sociologicamente maior. Sobre a ideia de *giro biocêntrico*, especialmente, o sociólogo Eduardo Gudynas<sup>9</sup>, analisa os casos do Equador, que colocou os direitos da Natureza na Constituição aprovada em 2008, aproximando os termos Natureza e *Pacha Mama*, e da Bolívia, que aprovou leis de proteção da Mãe Terra em 2009.

## 2. PROTAGONISMO SOCIOAMBIENTAL INDÍGENA: COSMOVISÕES

As regularidades do pensamento relacional da natureza na teoria social indígena podem ser percebidas em textos e falas ontológicas de lideranças e pensadores indígenas, como descrito a seguir (SANTOS, 2025). Enquanto resultados deste trabalho, percebe-se que vozes como do cacique **Raoni Metuktire Kaiapó**, liderança do estado do Mato Grosso ganharam destaque na luta pela preservação da Amazônia. Sua luta virou filme documentário, indicado nos anos 1970 ao Oscar. Chamou a atenção do artista e músico Sting, que viajou por vários países divulgando a mensagem de Raoni, que também se reuniu com vários chefes de estado. “O aumento do interesse dos meios de comunicação brasileiros pela questão ambiental fez dele porta-voz natural da luta pela preservação da floresta amazônica” (JACUPÉ, 2020, p.111).

Raoni Metuktire mesmo depois dos 90 anos, segue seu périplo defendendo seu *lar-lugar* na perspectiva ontológica. Suas falas são permeadas pela filosofia Kaiapó, que tem potência telúrica-afetiva, utilizando termos na língua materna, sem negar a intenção de deixar a mensagem cristalina para os brancos. É o que pode ser observado na sentença a seguir: “Você destrói nossas terras, envenena o planeta e semeia a morte, porque está perdido. (...) Na língua Kayapó, chamamos seu dinheiro de *piu caprim*, “folhas tristes”, porque é uma coisa morta e inútil, e traz apenas danos e tristeza”. E complementa:

Pedimos que você pare o que está fazendo, pare a destruição, pare o seu ataque aos espíritos da Terra. Quando você corta as árvores, agride os espíritos de nossos ancestrais. Quando você procura minerais, empala o coração da Terra. E quando você derrama

<sup>7</sup> Assim como na literatura produzida por autores africanos (Mbembe, 2014; 2017, 2018a, 2018b; (Hountondji, 2009; Ramose, 2009) e afro-quilombola (Bispo, 2015).

<sup>8</sup> “A Virada Ontológica é o único caminho para a compreensão dos regimes de conhecimento e verdade ameríndios e não-indígenas segundo seus próprios termos, superando os limites impostos pelo regime de conhecimento ocidental. Entender os índios por seus próprios termos, seguir o dado dos índios, e não os nossos: eis a pedra de toque da Virada Ontológica”. (Amazônia Latitude, 2024, p. 23). Disponível em <https://www.amazonialatitude.com/a-virada-ontologica-e-a-amazonia-um-dialogo-completo/>. Acesso em: 16 de mar. 2024.

<sup>9</sup> Sociólogo uruguaio, autor do livro *Diretos da Natureza: Ética Biocêntrica e políticas ambientais* (2019).

venenos na terra e nos rios – produtos químicos da agricultura e mercúrio das minas de ouro – você enfraquece os espíritos, as plantas, os animais e a própria terra<sup>10</sup>.

Nos anos de 1980, outras lideranças ocuparam espaços na luta pelos direitos territoriais e fazem parte deste contexto. **Mário Juruna**, do povo Xavante, também do Mato Grosso, protagonizou a presença dos indígenas no Congresso Nacional, sendo o primeiro deputado federal indígena eleito no Brasil pelo estado do Rio de Janeiro<sup>11</sup>. Na Câmara, foi o responsável pela criação da Comissão Permanente do Índio no Congresso Nacional, fato que permitiu com que as demandas indígenas recebessem reconhecimento formal do estado brasileiro.

**Ailton Krenak**, do povo Krenak, do estado de Minas Gerais, foi, nos anos de 1980, um dos articuladores da União das Nações Indígenas (UNI), que lutou para a valorização da cultura dos povos originários, dentro da lógica de integração com a natureza “e pluralidade cultural” (JACUPÉ, 2020, 112). Em seu livro *Futuro Ancestral* (2022) faz importante fala na perspectiva ontológica, ao lembrar da importância do *rio-avô* e das cerimônias pelas quais as crianças eram apresentadas ao mundo Krenak e à cura para a vida: “Os antigos do nosso povo colocavam bebês de trinta, quarenta dias de vida dentro do *Watu*, recitando as palavras: “*Rakandu, nakandu, nakandu, racandu*. Pronto, as crianças estavam protegidas contra pestes, doenças e toda possibilidade de dano” (Krenak, 2022, p. 09).

Krenak complementa assim: “Esse nosso *rio-avô*, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilometro do quintal da minha casa, canta”. (KRENAK, 2022, p. 09). Em resumo, Krenak nos lembra que o rio é *gente*, tem agência pois é ele quem provê o sustento e dá sentido à existência do povo. “O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de *Watu*, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar” (KRENAK, 2022, p. 21).

Mariano Justino Marcos Terena, ou **Marcos Terena**, é da etnia indígena Xané, como se autodenominam os Terena, no estado do Mato Grosso do Sul. Terena teve participação ativa nos movimentos organizados, como a criação da UNI e sua movimentação política fez com que ele fosse “conhecido como um dos articuladores essenciais para a aprovação de uma das leis que protegem os interesses indígenas na Constituição promulgada em 1988”<sup>12</sup>. Terena sustenta a importância da filosofia indígena ao propor que: “Os ensinamentos que aprendemos com nossos pais, em nossas famílias, foram a palavra integral – como a vida e o ambiente. Por isso fomos incompreendidos”. Terena compreende que os saberes indígenas precisam ser resguardados, pois sua teluricidade é parte da vida que tem no afeto pelo ambiente seu pertencimento, sensibilidade que aprendeu com seu avô, na aldeia. Diz Terena: “Índigena é potência de saberes. Seu conhecimento é a universidade do mundo”<sup>13</sup>.

Álvaro Fernandes Sampaio, ou **Álvaro Tukano**, é indígena da etnia Tukano, nasceu na aldeia São Francisco, atualmente extinta por causa de conflitos com missionários da região. Sempre envolvido na organização social e política de luta, também se dedicou à literatura. Publicou, em 2017, a obra “O mundo tukano antes dos brancos: um mestre tukano”<sup>14</sup>, que foca na mitologia e nos rituais tradicionais, descrevendo as bases cosmológicas, históricas e geográficas da civilização criada pelas nações indígenas do alto rio Negro, entre a fronteira do Brasil com a Colômbia, estendendo-se até a Venezuela. Foi diretor do Memorial dos Povos Indígenas (MPI/DF). “Nossas aldeias estavam espalhadas por todo o rio Negro *não conheciam as cercas*. (...) Todas as missões tinham os trabalhadores indígenas (...). Eu nasci nessa época em que a Igreja Católica teve seu apogeu no rio Negro”<sup>15</sup>.

Álvaro Tukano tem mantido a frente de resistência por onde tem atuado, projetando a visão de mundo indígena pelos meios que dispõe. Com falas incisivas e de enfrentamento ao modelo político-econômico moderno, diz ele: “Nosso povo tem que estar politizado, esse barulho todo que estamos escutando chama-se revolução popular de consciência. Não brigaremos com arco e flecha, e sim com culturas, pensamentos, abraços e festas. É disso que o Brasil precisa”<sup>16</sup>. Em outra entrevista, Tukano afirma seu lugar de líder indígena assim: “(...) nosso desejo para o futuro próximo é que os nossos filhos acreditem nas palavras dos antigos para serem bons curandeiros,

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.esquerda.net/dossier/nos-povos-da-amazonia-estamos-cheios-de-medo-em-breve-voces-tambem-terao-diz-cacique-raoni> . Acesso em: 26 de jan. 2025.

<sup>11</sup> Uma candidatura articulada por lideranças do PDT, que teve a frente Leonel Brizola e o antropólogo Darcy Ribeiro.

<sup>12</sup> Disponível em <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/biografia/marcos-terena/> . Acesso em: 26 de jan. 2025.

<sup>13</sup> Disponível em <https://infoamazonia.org/2020/04/26/marcos-terena-vao-tentar-destruir-a-imagem-dos-indigenas/> . Acesso em: 25 de jan. 2025.

<sup>14</sup> TUKANO, Álvaro. **O mundo Tukano antes dos brancos: um mestre Tukano**. Brasília, DF: INCTI/UNB/CNPq, 2017. v. 1.

<sup>15</sup> TUKANO, Álvaro. *Tembentá*. São Paulo: Editora Azougue, 2018.

<sup>16</sup> Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/15/temos-um-congresso-opressor-em-relacao-as-leis-fundiarias-critica-alvaro-tukano>. Acesso em: 25 de jan. 2025.

bons mestres de cerimônias, que sejam respeitados, que haja respeito entre si (...) para preservar a vida do planeta terra e nossas florestas<sup>17</sup>.

**Kaká Werá Jecupé** é descendente de Txukarramãe, de tradição nômade, que se juntou aos Guarani em Minas Gerais. Escritor<sup>18</sup>, foi um dos criadores do Centro de Cultura Indígena, na Aldeia Morro da Saudade em São Paulo e do Instituto Arapoty, com vistas a difundir a cultura, desenvolver a medicina tradicional, projetos, eventos e publicações dos povos da floresta. Jacupé (2001), tem a preocupação filosófica de cultivar os fundamentos do Ser Guarani em suas obras. Ele descreve a criação do universo, da terra e do homem, segundo a tradição oral Guarani, para isso recorre a termos e expressões indígenas, na língua de seu povo. Diz ele que:

O nome é uma alma provida de um assento, diz-se na língua *ayvú*. É uma vida entonada em uma forma. Vida é o espírito em movimento. Espírito, para o índio, é silêncio e som. O silêncio-som conta com um ritmo, um tom, cujo corpo é a cor. Quando o espírito entonado torna-se, passa a ser, ou seja, ganha um tom (JACUPÉ, 2001, p. 18).

Jacupé (2001) argumenta que o ser humano é visto como *alma-palavra*, é o que se expressa tanto pela linguagem, quanto pelo pensamento. Por isso, Ser e som tem o mesmo sentido. “Para essa percepção é necessário ampliar o nosso conceito de som para além da vibração sonora, percebê-lo como corpo-vida, princípio dinâmico da luz cuja forma denominamos ‘*consciência*’”. (JECUPÉ, 2001, p.56). Nesta linha, compreende-se que para as comunidades existem realidades que só podem ser encontradas na língua indígena; conceitos que são autoevidentes na língua indígena nunca podem ser captados por outras línguas (SMITH, 2018, p. 183).

**Davi Kopenawa Yanomami**, liderança Yanomami, da comunidade Watoriki–(serra do vento), na fronteira do Brasil e Venezuela, viajou o mundo divulgando as atrocidades ocorridas desde os anos de 1980 na terra indígena Yanomami, com a expansão da mineração semimecanizada ilegal, doenças e mortes. Publicou em 2015, o Livro *A Queda do Céu*, em parceria com o etnólogo francês Bruce Albert, com quem tem uma amizade de mais de 40 anos. Seu pensamento cosmopolítico tem contribuído com a compreensão sobre o mundo Yanomami, mesmo após muitas pesquisas já realizadas com este povo por parte da academia e órgãos de governo.

Davi Kopenawa Yanomami, na perspectiva cosmográfica e cosmogônica revela a percepção ambiental por traz da defesa irredutível do território:

Se quiser pegar minhas palavras, não as destrua. São as palavras de Omama e dos xapiri. Desenhe-as primeiro em peles de imagens, depois olhe sempre para elas (...) e mais tarde, dirá a seus filhos: estas palavras escritas são as de um Yanomami, que há muito tempo me contou como ele virou espírito e de que modo aprendeu a falar para defender a sua floresta (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 64).

Kopenawa, regularmente em sua obra, lembra que a sabedoria adquirida ao longo dos anos pelos xamãs é dada generosamente pelos Xapiri, ou seja, o conhecimento da floresta é proveniente de um processo de maturação e renúncias de longos anos na prática do xamanismo e que necessita ser cuidado. As palavras de Omama entregues por seus Xapiri são antigas, mas segundo Kopenawa, os xamãs as renovam o tempo todo: “Eu não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias de meus antepassados. As palavras dos Xapiri estão gravadas no meu pensamento, no mais profundo de mim”. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 65).

Eliane Lima dos Santos, conhecida por **Eliane Potiguara**, de origem étnica potiguara, na Paraíba, é considerada a primeira escritora indígena do Brasil. É professora, escritora, ativista, fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas. Participou diretamente dos debates da Constituinte de 1988. Potiguara, assim como muitas escritoras indígenas, precisou rever suas raízes, porque cedo migrou para cidade. Ela fez um retorno a sua comunidade, depois de ser levada por parentes para o Rio de Janeiro.

Ela recorda que ingressou na luta indígena, recebendo o apoio a partir da amizade com Ailton Krenak e Álvaro Tukano. “Antes, eu pensava que conhecia o movimento indígena, mas não, conheci a comunidade. Foi depois, em 1980, 1982, que eu conheci o Ailton Krenak e Álvaro Tukano numa palestra. Ninguém sabia da minha luta antes da Constituinte. (Potiguara, 2023, p. 30). Acrescenta que: “Essa visão indígena é uma grande contribuição de vida para a sociedade brasileira que precisa ser estimulada para um respeito à diversidade cultural, onde a cultura indígena seja também um expoente” (POTIGUARA, 2023, p. 122).

<sup>17</sup> Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/08/04/covid-19-e-os-povos-indigenas-no-brasil-entrevista-com-lideranca-indigena-alvaro-tukano/>. Acesso em: 25 de jan. 2025.

<sup>18</sup> A Terra dos mil povos (2020), de sua autoria, foi o livro indicado como publicação altamente recomendável pelo Ministério da Cultura e pela Fundação Nacional do Livro Infantil. Em 2022, foi indicada por uma comissão coordenada pela Folha de São Paulo, como uma das 200 obras necessárias para entender o Brasil (Jacupé, 2020, p. 125).

**João Paulo Lima Barreto** é indígena do povo Yepamahsã (Tukano), nascido na aldeia São Domingos, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Tem graduação em filosofia e é doutor e pós-doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Tem escrito sobre sua teoria indígena do povo Tukano e feito um enfrentamento semântico e epistêmico, enraizado nas noções de corpo e processos biointegrados da vida Tukano. Diz ele: (...) não basta ocupar o território, é preciso, antes de tudo, negociar, ordenar o novo espaço, conhecer os *waimahsã*<sup>19</sup> habitantes dos lugares/ambientes para poder interagir, comunicar e conviver de modo equilibrado (BARRETO, 2022, p. 110).

Gersem José dos Santos Luciano, nascido no Yaquirana Rendá (Sítio Jaquirana), também em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, com os nomes Karama e Mapolero, é conhecido como **Gersem Baniwa**. Líder indígena, é ativista, educador, antropólogo, filósofo, escritor brasileiro graduado em Filosofia pela UFAM e tem mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Sua filosofia está impressa no Bem Viver Baniwa, conforme entrevista concedida (SANTOS, 2025):

O Bem Viver Baniwa é muito centrado nos seus modos de vida, construídos ao longo de milhares de anos, orientados por princípios muito importantes da sua cosmologia, valores que foram, de alguma maneira, herdados, portanto, deixados desde o início do mundo quando os demiurgos, os criadores em um processo longo, foram conformando o mundo e a vida do povo Baniwa nesse mundo, de forma mais ampla (Entrevista realizada com Dr. Gersem Baniwa em 16 de setembro de 2024, na Universidade Federal de Roraima).

Márcia Vieira da Silva, reconhecida como **Márcia Wayna Kambeba** é da etnia Omágua/Kambeba, nasceu numa aldeia Ticuna, no Amazonas. É geógrafa, poeta e pesquisadora de temas ontológicos de seu povo, assim como sobre as narrativas orais e os saberes e fazeres dos povos originários. Em seu poema intitulado *Ancestralidade* (KAMBEBA, 2020a) está demonstrada a força de sua cosmovisão.

Eu venho da grande floresta; Do rio, minha festa, quero a vida cantar. Nosso grito na cidade ecoou; O canto dos povos estrondou; Guerreiros aguerridos; Vem vindo para se unir. Na terra que o sangue banhou; Uma nova geração levantou; Com garra e coragem; Luta e canta sua nação. Revive o que de fato é seu; A cultura desses povos não morreu; Na pele grande tela; O grafismo é nossa voz. Na pena um significado singular; A liberdade que se tem; Como pássaro a voar. A ancestralidade pede paz; Ela é a força da identidade; Na aldeia ou na cidade; Nossa *uka* não se desfaz. (KAMBEBA, 2020a, p. 36).

Sobre a importância do território e identidade para a reafirmação étnica do povo Omágua/Kambeba, a autora kambeba (2012) em seu trabalho dissertativo, aponta que o Ser indígena está associado a sabedoria milenar e a espiritualidade, notadamente, vivida por aqueles (as) que assumem este pertencimento com responsabilidade: “Esse assumir contribui para a retomada de atitudes e de comportamentos positivos diante de um horizonte sociocultural” (Kambeba, 2012, p. 116). Sobre o rio, a autora nos oferece uma visão ontológica telúrica, no poema *Mergulho Profundo* (KAMBEBA, 2018):

Mergulhei no Rio profundo; Rio de espiritualidade; Rio que me traz esperança, Rio de ancestralidade; nas profundezas ouvi o canto dos pajés; a beleza da mãe d’água, nas águas escuras dos Igarapés mergulho no Rio e vou fundo; em busca do meu sagrado; e vejo no Rio espelhado; a imagem do meu eu; Sem pressa voltarei; sou filha da mãe d’água; minha pele retrata a cor que dela peguei; Pachamama! Com a lama me abracei (KAMBEBA, 2018, p. 28).

Estes são alguns nomes importantes que vêm contribuindo com o pensamento filosófico e geográfico indígena. Memória, língua, ancestralidade, cosmovisões e luta estão entrelaçadas nas filosofias e nas geografias indígenas observadas nas falas de lideranças e escritores (as). O *Bem Viver* presente na cultura indígena permite trazer para o debate contemporâneo a sabedoria ancestral, fonte de inspiração para pensar o mundo. Vale dizer que eles veem o mesmo mundo que os não-indígenas, o que muda é a forma de ver esse mundo. O indígena é a própria espacialidade em movimento, pois tem nela sua humanidade *geograficizada*, imanente e transcendente.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de revisão bibliográfica e das narrativas dos indígenas de várias partes do Brasil, sobretudo, na Amazônia, é possível observar os complexos conceitos vernaculares<sup>20</sup> sobre a

<sup>19</sup> Os humanos invisíveis que habitam os domínios aquáticos, aéreo, terrestre e da floresta.

<sup>20</sup> CLAVAL, 1999a, 1999b; 2002, 2011.

espacialidade e a vida destes povos com suas implicações no que se denomina de *território* na ciência contemporânea. O território, enquanto categoria discutida em suas múltiplas escalas pela ciência moderna, é observado no mundo ocidental em suas dimensões econômicas, políticas, culturais e virtuais. Vale dizer ainda que o sentido de extraterritorialidade para a geografia [pós] moderna está ligado às redes comerciais econômicas em suas escalas multiterritoriais.

Diferentemente deste discurso hegemônico, para os escritores e líderes indígenas a ideia de território tem outro sentido – a proposta de virada ontológica ou giro decolonial pode ser identificada no enfrentamento às expressões e termos impostos pela ciência moderna para reduzir o pensamento indígena ou limitá-lo às interpretações do ocidente. Para os indígenas, existe sim, uma *extraterritorialidade*, porém, ela está ligada à existência do próprio ser. Nesta extraterritorialidade, construída pelo movimento no espaço-tempo, são os seres extra-humanos que estão em comunicação com os xamãs e vice-versa. Visível e invisível, portanto, estão em constante diálogo na percepção fenomenológica xamânica.

Percebem-se outras concepções de espaço-tempo em que se constroem estas territorialidades. Com isso, forma-se uma rede de saberes que se conecta a partir da luta por direitos, sobretudo, o direito ao território, porém, com conceitualizações próprias dos indígenas. Neste universo literário, cosmogônico e cosmográfico dos povos Yanomami, Krenak, Tukano, Kambeba, dentre outros, há um enfrentamento aos modelos ocidentais totalizantes, que se manifesta em uma proposta de biointegração com a natureza (para além da ideia de território vinculado ao utilitarismo do poder, ao consumo ou ao simbólico).

A percepção Yanomami, por exemplo, sobre o mundo demonstra que a existência exige tempo, pelo qual se concebe o onírico e a imagem idílica, elementos estruturantes da cosmopolítica ancestral, sendo esta, colaborativa e biointerativa. O xamã *descreve a vida*. Pratica assim, possivelmente, *sua* geografia e com ela proporciona uma possibilidade de compreensão do Bem Viver, pois o estatuto de seu modo de vida, segue a ordem do respeito a vida material em harmonia com humanidades diversas possíveis pelo sonho xamânico. O ser Yanomami em *devir* xamânico habita a *Urihi a* e realiza sua sublime dança cósmica pelos cabelos da Hutukara, que é a floresta.

Pela literatura dada, reúnem-se algumas *perspectivas indígenas* na elaboração de uma possível filosofia de seus espaços vividos, trazidas para a Geografia Cultural. O Bem Viver ameríndio é um importante campo de pesquisa para que a humanidade perceba que existem outros modelos de sociedade que pensam sua existência para além da metabolização da natureza em mercadoria. O planeta *tem vida* e, para eles, coexistem diversas *humanidades* em espacialidades outras, decisivas nesse processo de biointeração.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo, Editora: Autonomia Literária, 2016

ALBERT, Bruce; DAVI, Kopenawa. **O espírito da floresta**: A luta pelo nosso futuro. 1ª edição. São Paulo: Companhia da Letras, 2023.

BARRETO, João Paulo L. **O mundo em mim**: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro. Brasília (DF): Editora: Mil Folhas, 2022.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999a.

CLAVAL, Paul. Etnogeografias – conclusão. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ, RJ. nº 07, p. 69-74. 1999b.

CLAVAL, Paul. “A Volta do Cultural” na Geografia. *In*: **Mercator: Revista de Geografia da UFC**, ano 01, n. 01, 2002.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

CUNHA, Manoela Carneiro da; Cesarino, Pedro de Niemeyer (Orgs). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

GUDYNAS, Eduardo. **Extractivismos**: Ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza. Cochabamba: CEDIB/CLAES. 2015.

GUDYNAS, Eduardo. **Direitos da Natureza: Ética biocêntrica e políticas ambientais**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

JACUPÉ, Kaká Werá. **Tupã Tenondé: A criação do universo, da terra e do homem, segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

JACUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. 2ª ed. São Paulo: Petrópolis, 2020.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Reterritorialização e identidade do povo Omágua/Kambeba na aldeia Tururucari-Uka**. Dissertação apresentada no Programa Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas, UFAM, 2012.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. São Leopoldo. Casa Leiria: 2020a.

KOPENAWA; Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo – SP: Companhia da Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Semana do Bem Viver da Escola Parque do Rio de Janeiro, S/E. Disponível em: [www.culturadobemviver.com](http://www.culturadobemviver.com). 2020. Acesso em: 25 de jan. de 2025.

KRENAK, Ailton. **O futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

POTIGUARA, Eliane. **Tembetá**. Rio de Janeiro: Azougue Press, 2023.

REIS, Rodrigo de Amurim dos. **Vivir Bien na Fronteira: um olhar da geografia humanista e sua discussão na fronteira Brasil – Bolívia**. Dissertação aprovada no Programa de pós-graduação em Geografia da UNIR. Porto Velho (RO), 2024.

SANTOS, Éder Rodrigues dos. **Geografia Ontológica Indígena: Cosmovisões e caminhos para o Bem Viver**. Tese defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2025.

SÁ JÚNIOR, Luiz César. **Philippe Descola e a virada ontológica na antropologia**. ILHA, v. 16, nº 02, p. 7-36, 2014.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas; tradução**. Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

TUKANO, Álvaro. **O mundo Tukano antes dos brancos: um mestre Tukano**. Brasília, DF: INCTI/UNB/CNPq, 2017. v. 1.

TUKANO, Álvaro. **Tembetá**. São Paulo: Editora Azougue, 2018.

**Eduardo Gudynas defende a virada biocêntrica como novo padrão civilizatório**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/direitos-da-natureza> Acesso em: 16 de março de 2024

Hohlfeldt & Hoffmann. Prefácio a '**O gravador do Juruna**', de Juruna, Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/text:juruna-1982-gravador>. Acesso em: 26 de jan. 2025.